

OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU
Nº644
De 13 de outubro
a 27 de outubro
Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores
Quarto Internacional

2º TURNO
PARA DERROTAR
BOLSONARO
NAS ELEIÇÕES



**VOTO CRÍTICO
EM LULA**

PSTU

CHARGE

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS...



“ Lula venceu em 9 dos 10 estados com maior taxa de analfabetismo. Vocês sabem quais são os estados? No nosso Nordeste ”



BOLSONARO, após o resultado do 1º turno das eleições presidenciais, em outubro de 2022.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

TOMO
I.

EDITORAS
sundermann

www.editorasundermann.com.br



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

LISTA SUJA

Lista do trabalho escravo tem 183 empregadores

Atualização da chamada “lista suja” agora tem 183 empregadores flagrados na prática de trabalho análogo ao escravo. Pela primeira vez, o levantamento traz profissionais do sexo também submetidos à escravidão contemporânea, segundo lembra o Sinait, o sindicato dos auditores-fiscais do Trabalho, que integram os grupos móveis de fiscalização. O número total dobrou em relação a abril (89). De acordo com o Sinait, os setores de pecuária e de produção de carvão vegetal são os que têm maior número de trabalhadores resgatados, com 85 e 81, respectivamente. Logo depois vem a indústria do fumo, com 76;



extração de madeira (59), cultivo de cana de açúcar e indústria de roupas (44 cada). A lista inclui ainda fornecedores de grandes frigoríficos do país, madeireiros, cafeicultores, aliciadores de trabalhadoras do sexo, empresários da construção – inclusive na cida-

de de São Paulo. Alguns, inclusive, eram financiados pelo BNDES. Há na lista também um pecuarista “reincidente”: Rafael Saldanha Junior, que foi incluído originalmente em 2016, após resgate de 12 trabalhadores na Fazenda Guaporé, em São Félix do Xingu (PA).

O PIOR ESTÁ POR VIR

A crise do Capital vai continuar

O Fundo Monetário Internacional (FMI) piorou suas projeções para a economia mundial em 2023 e passou a prever recessão na Alemanha e na Itália, além da Rússia. O organismo espera que o Produto Interno Bruto (PIB) global cresça 2,7% no próximo ano. A estimativa anterior era de avanço de 2,9%. Para 2022, o Fundo manteve a expectativa de expansão de 3,2%. O pior para a economia mundial ainda está por vir, alertou o Fundo. “Mais de um terço da economia global vai se contrair em 2023, enquanto



as três maiores economias - Estados Unidos, União Europeia e China - vão continuar estagnadas”, afirmou, acrescentando: “para muitas pessoas, 2023 parecerá uma

recessão”. Traduzindo: o capitalismo vai produzir mais desemprego, fome e miséria, enquanto um punhado de bilionários vai ganhar ainda mais dinheiro.

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Os socialistas e as eleições

As últimas notícias sobre a redução do desemprego e da inflação poderiam ser um alento para os trabalhadores brasileiros. Poderiam, se refletissem, de fato, a realidade. E o que se vê, no dia-a-dia da maioria da população, são os preços que continuam lá em cima, a falta de empregos sendo uma das maiores preocupações das famílias, e o carrinho dos supermercados cada vez mais vazios.

A realidade é que o país continua imerso numa crise sem precedentes e o horizonte próximo mostra que nem mesmo essa desaceleração nos desempregos e na inflação pode se manter. Segundo relatório divulgado pelo FMI, o mundo caminha para uma recessão, em 2023, acompanhada por um aumento global da inflação. Isso significa aumento da exploração e pilhagem dos imperialistas sobre os países semicoloniais, como o Brasil.

MAQUIANDO A CRISE

Por aqui, Bolsonaro, ao mesmo tempo em que, com uma mão, entrega medidas eleitoreiras, com a outra, faz cortes bilionários em áreas como Saúde e Educação. Nesse jogo, quem perde é a classe trabalhadora que, além da precarização e da queda na renda, vê os serviços públicos desmontados. Já as grandes empresas e os banqueiros seguem distribuindo bilhões em dividendos (lucros repartidos entre os acionistas), como a Petrobras que, só no 1º semestre, repartiu R\$ 136 bi, a maior parte para mega acionistas estrangeiros.

Bolsonaro vai manter e aprofundar os atuais ataques. Já a chapa Lula-Alckmin, por sua vez, tampouco aponta para algo realmente diferente do que já vem sendo feito. Pelo contrário, a Frente que reúne os banqueiros Henrique Meirelles, Armínio Fraga, dentre outros, também indicou que vai manter a política neoliberal no atacado, fazendo pequenas alterações cosméticas, sem realizar as mudanças estruturais que a classe trabalhadora e o povo pobre precisam.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3YBEPVO](https://bit.ly/3YBEPVO)

Ato do 1 de maio em SP em 2021

PARA ACABAR COM A FOME, A POBREZA E MUDAR O BRASIL É PRECISO EXPROPRIAR OS BILIONÁRIOS

Seguimos defendendo o projeto que apresentamos no 1º turno. Para ter emprego, salário, terra, moradia, direitos e soberania é necessário enfrentar os super-ricos, os menos de 1% que controlam mais de 60% da economia.

Como também, é necessário reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir os salários; aumentar os salários e duplicar o salário mínimo, rumo ao mínimo do Dieese; revogar as reformas Trabalhista e Previdenciária, garantindo emprego, com carteira assinada e direitos para todos. Além disso, é preciso garantir Saúde e Educação públicas, gratuitas e de qualidade; investir em ciência, defender o meio ambiente, a reforma agrária, o fim do Marco Temporal, a demarcação das terras indígenas e a titulação das terras quilombolas.

E, para mudar de vez esse país, temos que expropriar as 100 maiores empresas, que controlam a maior parte da economia e servem de mecanismo de exploração e enriquecimento de meia dúzia de bilionários. É preciso parar de pagar a dívida aos banqueiros e acabar com o teto de gastos e a Lei de Responsabilidade Fiscal, substituindo-a por uma Lei de Responsabilidade Social. Como também, taxar os bilionários, suas fortunas, patri-

mônio e dividendos; instituindo um imposto fortemente progressivo, que isente quem ganha até 10 salários mínimos.

Da mesma forma, precisamos reestatizar as empresas privatizadas, como a Vale, e garantir uma Petrobras 100% estatal, sob controle dos trabalhadores, para que funcionem segundo os interesses da classe e da população, e não de alguns poucos megainvestidores.

Só um governo socialista dos trabalhadores, que governe através de conselhos populares, apoiado na mobilização do povo, pode enfrentar o grande capital, defender a soberania do país e garantir condições de vida dignas para a maioria da população.

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Brasil vive uma longa decadência. Se grande parte da classe já fez a experiência com o governo Bolsonaro, também permanece viva a experiência com os anos de governos do PT. O então governo Lula surgiu numa onda de crescimento, baseado na alta das commodities, mas não promoveu nenhuma mudança estrutural. Pelo contrário. Ao mesmo tempo em que os banqueiros “ganharam como nunca”, a população só teve direito a poucas e efêmeras concessões.

Além da exploração e da pilhagem, o Brasil seguiu o seu

curso de desindustrialização, reprimarização da economia e retrocesso. Processo esse que é uma das razões da crise que desembocou no bolsonarismo, em função da frustração das promessas vãs feitas pelos governos do PT (e de toda Nova República).

Bolsonaro, em meio à crise, acelerou esse processo de pilhagem do país, de superexploração da classe trabalhadora e recolonização, encarnando junto um projeto autoritário, reacionário e conservador, particularmente violento em relação a mulheres, negros(as), LGBTIs, indígenas e demais setores oprimidos.

Agora, o projeto expresso pela Frente, em torno a Lula-Alckmin, prevê uma reedição dos governos burgueses de conciliação de classes e de administração do capitalismo em crise. Mas com a diferença, nada menor, de que, hoje, estamos numa crise muito maior que há 20 anos, com uma margem infinitamente menor para qualquer concessão, e uma extrema-direita, que se alimenta da crise e da decepção com governos que se dizem de esquerda, mas defende o “status quo”, a ordem e a ricocrazia existentes. Enfim, governam o capitalismo contra os trabalhadores e o povo.

É necessário construir a independência da classe trabalhadora da burguesia, através do avanço da mobilização, da consciência e da sua organização. E, neste mesmo processo, da construção

de uma alternativa revolucionária e socialista.

VOTO CRÍTICO EM LULA PARA DERROTAR BOLSONARO

Bolsonaro e Lula-Alckmin não representam uma diferença de fundo em relação à política econômica. Ambos respondem e governam dentro das linhas ditadas por setores dos banqueiros e do imperialismo. A diferença, hoje, é que Bolsonaro expressa um projeto autoritário, que ameaça as poucas liberdades democráticas que conquistamos.

Para os trabalhadores, não é indiferente se temos ou não liberdade para nos organizarmos e lutar, principalmente diante dos ataques que se anunciam. E, ganhando as eleições, Bolsonaro estaria mais perto da concretização de seu projeto de uma mudança reacionária no regime.

Por isso, neste 2º turno, o PSTU não podendo ter candidatura, chama o voto crítico em Lula, para derrotar Bolsonaro. Mas alertamos que, derrotando Bolsonaro nas eleições, não devemos depositar confiança no governo Lula e, sim, nos preparamos para lutar, defender nossas reivindicações e avançar num projeto de classe e socialista.

Inclusive porque o bolsonarismo só será definitivamente derrotado com mobilização, autodefesa da nossa classe e mudando as condições sociais que permitiram o fortalecimento da ultradireita.

BOLSONARISMO

Nordeste sob ataques xenofóbicos

 **HERTZ DIAS,
DE SÃO LUIS (MA)**

Após o anúncio da vitória de Lula contra Bolsonaro, começaram os xingamentos contra nordestinos nas redes sociais. Lula venceu em todos os estados do Nordeste e Bolsonaro em todos do Sul e em três estados do Sudeste. A ONG Safernet Brasil recebeu 348 denúncias de casos de xenofobia, só na segunda-feira, dia 3, número quase igual a todos registros no 1º semestre de 2021 (358). A maioria dos perfis são bolsonaristas.

Nas postagens, dentre outras coisas, nordestinos são chamados de "massa de manobra" e dependentes de "assistencialismo". O Sudeste aparece como "produtor de riquezas" e "provedor" dos nordestinos. "Nunca mais vamos comprar redes desses nordestinos quem vêm aqui pro Sul do país", disse um internauta.

A vice-presidente da Comissão da Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), de Uberlândia (MG), afirmou, em vídeo: "A gente não vai mais alimentar quem vive de migalhas. Vamos gastar nosso dinheiro no Sudeste, no Sul ou fora do país". Na página da escola São Marcos, que fica em São Luís, capital do Maranhão, o mapa do Nordeste foi descrito como "Cuba do Sul".

Bolsonaro é o principal responsável pelo crescimento do ódio aos nordestinos, a quem já chamou de "ara-taca", "cabecudo" e "pau-de-arara". E, poucos dias atrás, numa "live", chamou os nordestinos de analfabetos. Mas é preciso entender os objetivos por trás desses ataques, para melhor combatê-los.

XENOFOBIA É UMA ARMA DOS RICOS PARA DIVIDIR OS POBRES

A xenofobia contra os nordestinos ganhou força ainda no século 19, na transição do trabalho escravo para o trabalho livre, quando o centro econômico do país se descolou do Nordeste para o Sudeste. As ideologias racistas, criadas para justificar a imigração europeia para o Sudeste, tido como símbolo de desenvolvimento e pro-



Vice-presidente da OAB Mulher de Uberlândia, Flávia Moraes

Essas ideias ressurgem em momentos de crise, quando as podridões do capitalismo se escancaram. Diante disso, a burguesia precisa encontrar "grupos" para responsabilizar

FALSAS IMPRESSÕES

Quando Aécio Neves, do PDSB, foi derrotado por Dilma, em 2014, a direita não poupou insultos aos nordestinos. Em 2016, quan-

“ A esquerda reformista despolitiza um debate tão importante. Dizem: “O voto do Nordeste é progressista e o do Sul é reacionário!”, como se os oligarcas eleitos na região, mas que apoiam a chapa Lula-Alckmin, tivessem algo de progressista. Isso só empurra os trabalhadores do Sul-Sudeste para os braços do bolsonarismo. ”

gesso, também foram utilizadas para inferiorizar o Nordeste, que passou a ser visto como sinônimo de atraso, de inferioridade e terra de gente preguiçosa.

pelo fracasso social do próprio capitalismo. E como fazem isso? Se apoiando no que há de mais atrasado na consciência dos trabalhadores! Vejamos alguns casos recentes.

do Dilma sofreu o impeachment, parte da imprensa dita "progressista", como o jornal "Le Diplomate Brasil", responsabilizou negros, pobres e nordestinos,

utilizando, para isso, frases e charges racistas.

Hoje, é ultradireita que alimenta a falsa sensação de superioridade nos trabalhadores das regiões Sul e Sudeste. Diante de uma crise sem saída, esses preconceitos atuam como fatores de "compensação salarial" na consciência de quem se julga superior: "meu salário é humilhante, mas sou branco e sulista, igual meu patrão!" Enquanto isso, os patrões de todas as regiões seguem explorando e oprimindo os trabalhadores e trabalhadoras de todo o Brasil.

REAÇÃO

É justo que os nordestinos reajam a esses ataques que, por sua vez, também são aproveitados pela esquerda reformista para despolitizar um debate tão importante. Dizem: "O Voto do Nordeste é progressista e o do Sul é reacionário!", como se os oligarcas eleitos na região, mas que apoiam a chapa Lula-Alckmin, tivessem algo de progressista. Esse populismo só empurra os trabalhadores do Sul-Sudeste para os braços do bolsonarismo. O trabalhador nordestino também é induzido a odiar aqueles do Sul-Sudeste, como se todos fossem xenofóbicos. De tal modo que o inimigo de classe fica oculto.

UNIDADE DE CLASSE

Combater a xenofobia para unir os trabalhadores de todas as regiões

Em primeiro lugar é preciso defender o agredido, que é o nordestino. Mesmo se for trabalhador, o xenofóbico deve seja punido. Combater as opressões é questão de princípio, inclusive no interior da nossa classe. Porém, é preciso combater educando.

Os trabalhadores nordestinos, por sua vez, devem

chamar a unidade com todos os não-nordestinos para enfrentarem a xenofobia, mas não devem depositar nenhuma confiança na burguesia nordestina, que, por mais que seja vítima dos ataques xenofóbicos, jamais defenderá os direitos do conjunto dos trabalhadores. Ela também precisa dos trabalhado-

res divididos para arrancar-lhes o couro.

Emfim, é preciso combater a xenofobia como Zumbi e Dandara combateram a escravidão colonial: aquilombando as diferenças dos explorados, para eliminar com exploração da Casa-Grande.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3COFAIF](https://bit.ly/3COFAIF)**



EDUCAÇÃO

18 de outubro é dia de luta contra a ultradireita

 CAROLINA MALACCO, DO REBELDIA DA JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA (BELO HORIZONTE, MG)

No dia 30 de setembro, vimos o anúncio de um novo contingenciamento (bloqueio), de quase R\$ 330 milhões, imposto às verbas destinadas para as uni-

versidades e institutos federais. Nada de novo. Bolsonaro vem atacando a Educação desde o início do seu governo, com um projeto de verdadeira precarização da universidade

pública, tentativas de privatização e cortes orçamentários.

A medida pode ser vista como parte de um projeto que retira dinheiro da Educação e outros serviços para usar o dinheiro para pagar a dívida pública. Num país cada vez mais colonial, mais expor-

tador de commodities, não existe interesse, por parte de Bolsonaro, em viabilizar o acesso ao ensino público de qualidade e à produção científica e tecnológica.

Esse ataque em específico foi adiado, graças à pressão do movimento estudan-

til, que organizou uma resposta e chamou, para o dia 18 de outubro, um ato contra mais esse corte na Educação. Agora, precisamos fortalecer as mobilizações.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Tl4EBV](https://bit.ly/3Tl4EBV)

NÃO DÁ PRA RECUAR

Combater a submissão da Educação ao capital e ao autoritarismo

O governo seguirá atacando a Educação. Por isso o movimento tem que mostrar que não irá aceitar sequer ameaças de novos cortes ou contra nossos direitos. Além disso, é fundamental lutar contra o governo Bolsonaro, expressão da ultradireita no Brasil, que está articulada em nível mundial. E isto tem a ver

com a crise do capitalismo, que utiliza de governos autoritários para impor ataques, precarizando leis trabalhistas, retirando dinheiro da Saúde, Educação, e, ainda, vendendo as empresas e riquezas que produzimos aos grandes capitalistas.

Tudo isto para aprofundar, ainda mais, a exploração e re-

ter mais lucros diante da crise. Além disto, os governos que representam os interesses desses capitalistas utilizam das opressões para rebaixar os salários e aumentar a competição entre os trabalhadores pelos poucos e precarizados empregos. Mais gente trabalhando, por menos dinheiro, e uma sobrecarga

ainda maior sobre as mulheres, negros(as) e LGBTIs. E, se não bastasse, ainda fomentam várias ideologias para justificar suas ações racistas, machistas, lgbtifóbicas e xenófobas. Ideologias que, também, afetam a própria qualidade do ensino, cada vez mais contaminado pelo fundamentalismo.



ALTERNATIVA

Nas urnas e nas ruas com a classe trabalhadora



No dia 18 iremos às ruas contra os ataques e a ultradireita. E é exatamente porque precisamos derrotar a ultradireita que nós, da Rebeldia, também chamaremos um voto crítico em Lula no segundo turno. Não podemos permitir que Bolsonaro siga na presidência. Porém, também

precisamos tirar lições do que foi o primeiro turno eleitoral.

A ultradireita segue viva e se fortalecendo. Seja elegendo mais gente; seja nas ruas, empunhando seu discurso; nos clubes de tiros, empunhando suas armas, ou no campo e nas florestas, assassinando indígenas,

quilombolas e camponeses. E, agora, na disputa eleitoral, organizando seu voto. E temos que dizer que o PT tem responsabilidade direta sobre isso. Tanto pelo imobilismo que desmobilizou a luta pelo “Fora Bolsonaro”, quanto por apresentar um projeto de conciliação de classes

e um programa de aliança com os ricos, que os trabalhadores.

Enquanto o reformismo seguir apontando apenas um projeto como o do PT como alternativa à ultradireita, que as pessoas já não acreditam mais, ela continuará se fortalecendo e ampliando sua influência.

QUEREMOS O SOCIALISMO

Não há como reformar este sistema

As direções do PSOL, da União Popular (UP) e PCB estão chamando o voto em Lula no segundo turno “contra o fascismo” e dizendo, ao mesmo tempo, que a verdadeira luta tem que ser “nas ruas”. Deixando, contudo, de fazer o mais importante: se posicionar de forma crítica em relação ao PT e preparar a autodefesa. E o resultado só pode se desdobrar em duas coisas: nos

desarmar na luta contra o capitalismo e entregar os trabalhadores que não confiam mais no PT nas mãos da ultradireita.

Se queremos, realmente, destruir a ultradireita e acabar com toda a influência que ela pode ter sobre setores da sociedade, precisamos apresentar uma alternativa socialista que, de fato, responda aos anseios dos trabalhado-

res, da juventude e seus setores mais oprimidos.

No dia 18, precisamos conversar com cada estudante e jovem que vive a realidade da superexploração e da opressão, fomentadas por Bolsonaro. E, desde já, temos que organizar nossa autodefesa e o enfrentamento com a ultradireita, em todos os níveis. Com este objetivo, iremos impulsionar comitês

pelo voto crítico em Lula, pra tirar cada voto da ultradireita e ajudar a remover o Bolsonaro, o quanto antes.

Porém, não disputaremos apenas o voto. Também discutiremos com cada eleitor todas as críticas que precisamos fazer ao projeto do PT, buscando, assim, ganhar cada jovem, ativista e trabalhador, não apenas para a necessidade de votar “13” para



derrotar a ultradireita, mas, também, para a necessidade de construirmos um projeto socialista e revolucionário para derrotar, em definitivo, a ultradireita, o capitalismo e todas as suas formas de exploração e opressão.

SERVIÇOS DO CAPITAL

A quem serve Bolsonaro e a nova direita?



GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Quando Bolsonaro e o grupo de direita que dirige defendem as palavras de ordem “Deus, Pátria, Família, e Liberdade” e atacam os “comunistas” e o “globalismo”, o que e quem precisamente eles defendem? Estão a serviço de quais interesses? Teria algo de progressivo nessas palavras de ordem? Seria Bolsonaro, em algum sentido, antissistema? Para ilustrar o que virá a seguir, tomaremos um exemplo recente,

que chocou o Brasil: o empresário Thiago Brennand.

Multimilionário, originado de uma família tradicional no Recife, possuidor de um arsenal com mais de 50 armas, carros e propriedades de luxo, seguranças privados etc., Brennand recebeu mais de uma dezena de denúncias de mulheres que eram aliciadas até sua casa para serem, em seguida, estupradas, submetidas a cárcere privado e, até mesmo, tatuagens forçadas com as iniciais de seu nome. Algumas,

chegaram a processá-lo, mas os processos foram arquivados, por meio da atuação de seus muitos advogados.

Tudo durou até que um vídeo com Brennand, agredindo uma mulher na entrada de uma academia, viralizou. Somente então, em resposta a uma denúncia do Ministério Púlico, Brennand protestou, mas só por terem escrito seu nome errado. Segundo ele, teria sido algo intencional, para passar a seguinte impressão: “Como se meu nome fosse apenas mais um nome”.

Como veremos, apesar de parecer extremo, o caso de



Thiago Antonio Fernandes Vieira, estuprador e agressor de mulheres, é um bom exemplo de quem realmente Bolsonaro defende.

Thiago Brennand é um exemplo emblemático dos empresários brasileiros e nos ajudará a

entender que tipo de “pátria, família e liberdade” Bolsonaro defende.

DEFESA DOS RICOS

O que esconde o discurso de Bolsonaro?



Quando Bolsonaro fala da defesa da família, não está falando das condições de vida e sobrevivência das dezenas de milhões de trabalhadores e trabalhadoras brasileiros. A quase totalidade das famílias nada possui. No

melhor dos casos, uma casa ou um veículo. Defenderia Bolsonaro, com a palavra de ordem “família”, um programa de moradias populares, pleno emprego, salários dignos ou qualquer coisa nesse sentido? Evidentemente, não.

A “família”, nesse caso, é o nome que identifica uma família de grandes proprietários, que garante que a riqueza da sociedade continue na mão do mesmo grupo reduzido de pessoas, de geração pra geração, expresso por um “nome de família”. Daí, a expressão, hoje em desuso, de “pessoas de família”. Por isso, Thiago Brennand reclamou: porque o trataram “como se meu nome fosse apenas mais um nome”.

Embora a defesa da família pareça se referir a toda população do Brasil ou algo próximo disso, o termo oculta as diferenças reais entre as milhões de famílias. Faz prevalecer os interesses de um grupo restrito, que sequer ganhou suas fortunas por mérito próprio ou pelo trabalho, mas simplesmente as herdaram. Vem, daí, a fortuna de Thiago Brennand.

“Liberdade”. Quem estaria contra isso? Mas, venhamos e convenhamos, esta palavra tem um significado bem diferente quando aplicada a pessoas com posições diferentes na sociedade. Todas as palavras de ordem de Bolsonaro são abstratas e gerais. Não se referem a nada em específico. Fala em “liberdade” para os possuidores do dinheiro e liberdade nenhuma ao conjunto da população, que vive de seu salário e do seu trabalho. O patrão tem a “liberdade” de demitir, de pagar o mínimo possível. O trabalhador pode demitir o patrão? Quem, de fato, arrisca a sua pele?

Thiago Brennand tem a liberdade de comprar um arsenal com 50 armas sofisticadas, pagar seguranças privados, morar em mansões de segurança máxima, investir seus milhões na

Bolsa, ganhando o excedente produzido por seus trabalhadores. E a classe trabalhadora brasileira, tem liberdade para quê?

Na verdade, a classe trabalhadora conquistou, coletivamente e a duras penas, um salário mínimo, pisos salariais, a liberdade de se organizar para lutar por melhores salários, nem que for a reposição da inflação. Somente coletivamente ela pode enfrentar e “negociar” com o patrão. Para Bolsonaro, tudo isso é um grande fardo para os empresários brasileiros. Atacam sua “liberdade”. Vemos, aí, nitidamente, a serviço de quais interesses estão essas palavras vazias utilizadas por Bolsonaro.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EG1DHJ](https://bit.ly/3EG1DHJ)**

DIREITA

Discurso ‘antissistema’ esconde defesa do capitalismo

O discurso de Bolsonaro, no entanto, jamais daria ligas se não adquirisse uma aparência de antissistema. Daí, seu sucesso, não só no Brasil, mas também da extrema-direita

em outros lugares do mundo. Apesar dessa aparência, não há absolutamente nada de progressivo nele. Não há absolutamente um único ataque ao sistema estabelecido.

O capitalismo mundial tem conduzido a uma crise sem precedentes. A classe trabalhadora, na luta pela sobrevivência, tem recorrido à migração em massa, de um país para ou-

tro, de uma região para outra. Com a escassez de emprego, a capacidade de compra da classe trabalhadora tem sido reduzida e, assim, o crescimento das próprias empresas.

Mais e mais empresários se transformam em meros rentistas, dependentes dos juros pagos pelo Estado por meio do mecanismo da dívida pública. O Estado cresce

em todo o mundo, não para oferecer serviços para toda população, mas para remunerar os grandes capitalistas, por meio de títulos da dívida.

Para agravar a situação, uma nova revolução tecnológica centraliza, mais e mais, o capital em um pequeno grupo de empresas estrangeiras, que, agora, abarca a indústria, o comércio, os transportes, a educação, em patamares jamais vistos. Basta olharmos para o nosso redor e veremos que tudo que consumimos é produzido em umas poucas indústrias, situadas em uns poucos países. Para lá, mi-

gra, todos os anos, a enorme maioria da riqueza produzida.

No meio de tudo isso, um setor em particular sofreu um duro golpe. Pequenos e médios proprietários são, dia após dia, arruinados. O pequeno e médio capital desmoronam. O grande capital não precisa mais deles, ao menos na mesma proporção de outros tempos. Nas montadoras de automóveis, por exemplo, as dezenas de autopeças têm sido unificadas em uma única unidade produtiva.

Nas grandes empresas, os trabalhadores com me-

lhior remuneração, seja com formação técnica ou administrativa, são reduzidos ao mínimo possível. São substituídos pela automação que, agora, une técnicos especializados e gestores em uma única pessoa, assessorada por sistemas informatizados e inteligência artificial. No âmbito do Estado, cada vez menos recursos são destinados aos gastos públicos e, sobretudo, a formação superior e especializada, em um país, cada vez mais, apenas consumidor de tecnologias.



Pequena burguesia arruinada é uma das principais base do partido do desespero que é o bolsonarismo.

O QUE ELES PENSAM

O que propõem a direita no Brasil e no mundo?

Para remediar o capital nacional em decadência, com milhares de empresas fechadas todos os anos, o presidente não propõe mexer em uma só vírgula na fatia que o capital internacional arranca, todos os anos, do país. Antes disso, concede a liberdade de desmatar sem limites, destruir as comunidades indígenas, quilombo-

las, campesinas e ribeirinhas, se necessário, e adotar uma carteira de trabalho “verde e amarela”, que enterra todas garantias trabalhistas. Tudo em nome da “Pátria e de Deus”.

Mas é preciso eleger um vilão. Ora encarnado pelos “comunistas e os globalistas”. Ora, pelos governos anteriores, que, segundo dizem,

destinaram a riqueza brasileira para Cuba, Venezuela etc. O argumento não tem pé nem cabeça.

Em 2021, R\$ 390 bilhões saíram do Brasil e foram para outros países do mundo na forma de lucros e dividendos extraídos daí pelas grandes empresas estrangeiras. Uma boa parte vem dos “globalistas” acionistas da

Petrobras, nadando na política de preços defendida por Bolsonaro. Eficiência para os proprietários das ações, com dividendos bilionários e custos elevados para toda população.

Do outro lado, nas últimas décadas, a riqueza brasileira investida no exterior – seja em Cuba, Alemanha, Estados Unidos ou em Marte – foi sempre ir-

risória. O capital brasileiro, desendo a ladeira, quer tirar leite de pedra, sugar o que sobrou diante da decadência do país. E Bolsonaro está a serviço de desatar toda e qualquer amarra para esse grupo bem particular de “patriotas e cristãos”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EG1DHJ](https://bit.ly/3EG1DHJ)

QUAL É A SAÍDA?

A necessidade de uma alternativa socialista e revolucionária

O discurso de Bolsonaro, com sua aparência de radicalidade, soa atraente para milhares de brasileiros desesperados com a decadência acima descrita. O trabalhador formal desce à informalidade, o bem remunerado desce ao patamar mínimo de remuneração, o pequeno proprietário converte-se em assalariado e mesmo o empresário de médio porte se vê ameaçado.

Não há nada há de progressivo no discurso de Bolsonaro e da direita. O que ele propõe é a “liberdade” absoluta para que os grandes empresários brasileiros, essas “pessoas de família”, explorem o que resta, sem qualquer limite, e, ao mesmo tempo, definir obstáculo zero ao capital internacional: os verdadeiros

“globalistas”. Tudo está liberado para eles.

Toda esta liberdade deve ser implementada com a força do chicote, se for necessário. Armas para os Brennand's, nenhuma liberdade para os trabalhadores defendêrem, coletivamente, os seus interesses. Organização coletiva é coisa de comunistas, dizem. Ao contrário, poder concentrado na mão do Executivo sob tutela do Exército.

Por isso, Bolsonaro, hoje, representa uma ameaça imediata. E deve ser derrotado. Lula e o PT, enquanto isto, têm se esforçado para apaziguar os ânimos, capitulando a cada uma dessas bandeiras bolsonaristas e da direita. Alckmin como vice para apazigar o grande capital. Nada

de revogar a Reforma Trabalhista. “Carta Compromisso aos Evangélicos”, não para reafirmar a liberdade religiosa, mas para garantir os privilégios políticos de um grupo religioso que, hoje, ocupa vários postos no poder.

É impossível parar o desenvolvimento de um movimento reacionário no Brasil sem colocar, na ordem do dia, a necessidade de uma alternativa revolucionária e socialista. É preciso mostrar que esta é a única alternativa e que Bolsonaro nada mais representa que o aprofundamento do cenário já colocado no país, ainda que por meios mais diretos e violentos.

O voto crítico em Lula no segundo turno não pode se confundir com um discurso



de que seu governo resolveria, mesmo parcialmente, os problemas do país ou mudaria seu rumo. Não resolverá. No entanto, Bolsonaro representa uma ameaça imediata à liberdade de organização da classe tra-

balhadora e dos setores oprimidos em todos os níveis, a possibilidade legal de levar adiante um programa socialista, único capaz de apresentar soluções ao cenário que se encontra irremediavelmente posto.

2º TURNO

Para derrotar Bolsonaro, voto crítico em Lula



DA REDAÇÃO

No 1º turno das eleições, o PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário apresentaram uma alternativa de independência de classe, que defendeu que os trabalhadores e trabalhadoras não poderiam ficar reféns de candidaturas da direita ou de conciliação, junto com grandes empresários, banqueiros e o agronegócio.

Pelo contrário, nossas candidaturas, tanto de Vera e Raquel à presidência, quanto as estaduais, realizaram uma heroica campanha, defendendo o fortalecimento da organização e da mobilização dos trabalhadores, através de um programa que inclui a expor-

priação dos bilionários e a estratégia de um governo socialista dos trabalhadores e do povo pobre.

Agora, no 2º turno, quando não podemos apresentar uma candidatura independente, o PSTU defende o voto crítico em Lula para derrotar Bolsonaro nas eleições. Por que um voto em Lula e por que um voto crítico?

Porque Bolsonaro tem um projeto autoritário e ameaça as liberdades democráticas. Continuar à frente do aparelho do Estado é um caminho aberto que, conjunturalmente, lhe facilitaria avançar em uma mudança reacionária e bonapartista do regime. Por isso, no 2º turno, o PSTU estará em campanha, ao lado dos trabalhadores, contra Bolsonaro,

chamando um voto crítico, pois sabemos que o bolsonarismo só será derrotado com mobilização, autodefesa e outro projeto para o país.

Chamamos, então, o voto crítico em Lula e ajudaremos na derrota eleitoral de Bolsonaro. Mas alertamos que não devemos depositar confiança num futuro governo Lula, nem ter ilusões de que apenas a derrota eleitoral de Bolsonaro acabará com o bolsonarismo. Pelo contrário, ele não apenas continuará existindo, como poderá ser ainda mais forte, lá na frente, se não avançarmos na mobilização, consciência, organização e autodefesa da classe, assim como na construção de uma alternativa socialista e revolucionária.



Cadeia Bolsonaro

Derrotar Bolsonaro nas eleições o enfraquece e o atrasa, por ora. Mas as condições econômicas e sociais que permitem seu fortalecimento não serão mudadas por um governo com um programa liberal-

-burguês e de aliança com a patronal, como propõe o PT. Precisamos, portanto, construir a mobilização e a autodefesa, por um lado, e, dentro disto, um projeto socialista e revolucionário.

DERROTAR A ULTRADIREITA

Bolsonaro nunca mais



O resultado do 1º turno foi um balde de água fria para a campanha de Lula, que tinha uma forte expectativa de já fechar a fatura ali. Apesar de vencer Bolsonaro, com uma diferença relativamente expressiva de seis milhões de votos, o resultado final, de 48% contra 43%, foi bem mais apertado do que apontavam os institutos de pesquisas.

Seja por um erro metodológico, seja por um movimento de arranque nos momentos finais da campanha, esse resultado, aliado

às vitórias para o Senado e governos estaduais, representa um avanço da ultradireita, que toma o espaço do “centro” e da direita tradicional, e uma consolidação do bolsonarismo.

Isso reforça a análise de que a ultradireita não é um fenômeno episódico, mas veio para ficar. É um processo que emerge da crise capitalista e da degradação e retrocesso do país. Reafirma, ainda, que o bolsonarismo e a extrema-direita não podem ser combatidos somente através de eleições.

O PSTU foi uma das primeiras organizações a levantar o “Fora Bolsonaro e Mourão” e defender a derrubada desse governo nas ruas. Os partidos e organizações majoritárias que atuam na classe trabalhadora, com o PT à frente, porém, preferiram puxar o freio das mobilizações, que vinham numa crescente, e apostar tudo nas eleições. Esse é o caminho mais curto para a derrota.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TIPsqw](https://bit.ly/3TIPsqw)

DITADURA

Ameaça de fechamento do regime

Não contente em ser responsável por centenas de milhares de mortes durante a pandemia, a destruição ambiental, a intensificação das ideologias e

da violência machista, racistas, LGBTIfóbicas e xenófobas, a ofensiva contra os povos originários, além da volta do país ao Mapa da Fome, do desemprego

em massa e da carestia, Bolsonaro tem escalado em suas ameaças autoritárias.

Foram sucessivas ameaças de não aceitar um resultado

eleitoral que não lhe fosse favorável, a ponto de colocar o Exército no papel de fiscalizador da votação, numa capitulação vergonhosa do Judiciário. Agora, além da continuidade da ameaça de rechaço a um resultado desfavorável no 2º turno, Bolsonaro e aliados já explicitam seu projeto



de fechamento do regime no próximo período, caso eleitos.

O vice-presidente e senador eleito pelo Rio Grande do

Sul, Hamilton Mourão, e o atual líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), divulgaram o projeto de au-

mentar o número de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Bolsonaro se limitou a dizer que a ideia será discutida “após as eleições”.

Na verdade, contudo, o projeto é do governo e é simples: aumentar o número de ministros dos atuais 11 para 16 e, assim, ter maioria na Corte. Desta forma, além do Executivo e do Parlamento, o bolsonarismo passaria a ter controle do Judiciário, impondo uma autocracia por dentro do regime, a exemplo de países como a Hungria, a Turquia ou a própria Venezuela.

Não defendemos essa atual “ricocracia”, que é, na prática,

uma ditadura dos bilionários, banqueiros e grandes empresas, utilizada para impor suas vontades e perpetuar a exploração e a opressão. As próprias eleições são um exemplo disso. Basta lembrar que nossa candidatura foi explicitamente invisibilizada e boicotada. Mas, tampouco, nos é indiferente se mantemos as atuais liberdades democráticas, ainda que restritas, ou se vamos a um fechamento do regime e à eliminação da possibilidade de nos organizarmos e lutarmos.

É preciso alertar a classe trabalhadora, o povo pobre e os setores oprimidos sobre a

ameaça do bolsonarismo às liberdades democráticas e a necessidade de combatê-lo. E, principalmente, que isso só se dá através da mobilização e da organização da autodefesa da classe, tanto contra a ofensiva do governo neste sentido, como contra os ataques e intimidações por parte de setores da ultradireita.

Apostar as fichas nas eleições, ou nas instituições desse mesmo regime democrático-burguês, como o STF, já se demonstrou um erro. As eleições são só um momento desta luta, que só deve mesmo se definida nas ruas, seja quem for eleito no 2º turno.

VOTAR 13

Derrotar Bolsonaro, mas nenhuma confiança num governo Lula-Alckmin

Se, antes, Lula-Alckmin já indicavam um governo de continuidade dos ataques à classe trabalhadora, no 2º turno, com a entrada em cena de nomes como Pérlio Arida, Lara Resende, Armínio Fraga e o próprio FHC (ou seja, toda a turma responsável pelo desmonte neoliberal durante os governos tucanos), isso ficou ainda mais evidente.

Além de não tocar na Reforma Trabalhista, a atual coalizão em torno de Lula já indicou que

não mexerá no Teto de Gastos e sinalizou uma Reforma Administrativa no setor público, nos mesmos moldes que o atual governo vem tentando impor. E, se não bastasse, anunciou uma “Carta Compromisso aos Evangélicos”, que, dentre seus pontos, afirma que se eleito, não irá “enviar ao Congresso leis, nem alterar qualquer norma que envolva valores cristãos, da família e da vida”, antecipando pésimas notícias para mulheres, negros e negras e LGBTIs.

Se os 14 anos de governos de conciliação do PT não resolvem a fundo os problemas da classe trabalhadora, como o emprego ou nem mesmo o saneamento básico, um futuro governo Lula-Alckmin, ainda mais num contexto de crise do capitalismo, indica um governo ainda mais à direita. Por isso, temos que organizar, desde já, a classe para avançar na mobilização por emprego, direitos, salário, terra e moradia. E contra todos os ataques

que o futuro governo fará junto aos patrões.

A luta por nossas reivindicações não é só o único meio para mudarmos as condições de vida da classe trabalhadora e da maioria da população. É a única forma de se derrotar, para valer, o bolsonarismo e a ultradireita, que estarão à espreita, armados e organizados, só esperando o inevitável desgaste e desmobilização do futuro governo, para voltarem com tudo. Seja do jeito que for.



VAMOS À LUTA

Organizar a luta por emprego, salário, terra e direitos



todos (incluindo trabalhadores de aplicativos) e o aumento geral de salários frente à carestia.

Devemos exigir a Petrobras 100% estatal, sob controle dos trabalhadores, e a reestatização de empresas privatizadas, como Vale, CSN e outras. Para garantir a soberania, é preciso parar a entrega do país e, também, defender o meio ambiente.

É preciso exigir, ainda, a demarcação das terras indígenas, contra o Marco Temporal, e a reforma agrária e o apoio à agricultura familiar, contra o agronegócio. Como também, a reparação para o povo negro e garantia de direitos das mulheres e LGBTIs, além do fim da violência contra estes setores.

Devemos organizar a luta e exigir a revogação imediata das reformas Trabalhista e Previdenciária, o que um governo Lula-Alckmin não vai querer fazer.

Devemos exigir a redução da jornada de trabalho sem redução do salário, a garantia de pleno emprego com direitos e carteira para

Por educação, saúde, moradia e serviços públicos de qualidade, precisamos acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal, substituindo-a por uma Lei de Responsabilidade Social, suspendendo o pagamento da dívida aos banqueiros.

E sabemos que, para acabar, de fato, com a fome, o desemprego, a precarização e a carestia, é preciso atacar o lucro e as grandes propriedades, expropriando os bilionários e as 100 maiores empresas que, hoje, controlam mais da metade da economia do país.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TIPsQW](https://bit.ly/3TIPsQW)**

VENHA COM A GENTE

Fortalecer uma alternativa socialista e revolucionária

É necessário avançar na organização da classe tanto para enfrentar um eventual governo Lula, como para derrotar a ultradireita. E nessa luta, ajudar a construir e fortalecer uma alternativa revolucionária e socialista. A extrema-direita cresce como subproduto dessa crise do capitalismo e, também, sobretudo, pela decepção com os governos que se dizem de esquerda, mas que fazem, na prática, um governo liberal e defendem essa ricocracia corrupta.

Precisamos de um governo socialista dos trabalhadores, onde a classe, junto com o povo pobre, governe através de conselhos populares. Venha construir com a gente um partido revolucionário, para lutar por esse projeto.

FALOU MUITA BOBAGEM

É isto que Bolsonaro pensa do mundo

Bolsonaro é um presidente fundamentalista, reacionário e tem ódio dos setores oprimidos: é misógino, racista, machista, LGBTIfóbico e xenófobo. Sempre foi assim, mesmo antes de ser presidente da República. Traz um currículo de ataques às mulheres, aos negros e negras, às LGBTIs, aos indígenas e aos nordestinos. Abaixo, selecionamos algumas frases ditas por Bolsonaro ao longo de sua vida política.

“Quem quiser vir aqui ao Brasil fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país de turismo gay. Temos famílias.”

EM ABRIL DE 2019, DURANTE CAFÉ DA MANHÃ COM JORNALISTAS.

“Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas.”

EM 2014, EM ENTREVISTA AO JORNAL “EL PAÍS”.

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada e aí veio uma mulher.”

EM 2014, EM ENT FALA DURANTE UMA PALESTRA NO RIO DE JANEIRO, EM ABRIL DE 2017. REVISTA AO JORNAL “EL PAÍS”.

“Elá não merece ser estuprada porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece.”

EM DEZEMBRO DE 2014, BOLSONARO OFENDE A DEPUTADA MARA DO ROSÁRIO (PT-RS), SENDO POSTERIORMENTE CONDENADO A INDENIZAR A PETISTA.

“Está cheio de pau de arara aqui e não sabem que cidade fica padre Cícero?”

PARA SE REFERIR A NORDESTINOS, EM FEVEREIRO DE 2022.

“Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? ‘Poxa, essa mulher está com aliança no dedo, daqui a pouco engravidada, seis meses de licença-maternidade...’”

EM DEZEMBRO DE 2014, DURANTE ENTREVISTA AO JORNAL “ZERO HORA”.

“Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo.”

EM JUNHO DE 2011, DURANTE UMA ENTREVISTA À REVISTA “PLAYBOY”. EM 2017, ELE VOLTOU A COMENTAR O CASO, NA “VEJA”.

“Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater.”

FALA EM ENTREVISTA, SOBRE UMA FOTO DO EX-PRESIDENTE FHC, POSANDO COM A BANDEIRA LGBTI E DEFENDENDO A UNIÃO CIVIL, EM MAIO DE 2002.

“90% desses meninos adotados vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa, com toda certeza, desse casal.”

FALA EM VÍDEO REPRODUZIDO NO PROGRAMA DE DANÍLO GENTILY, SOBRE ADOÇÃO POR CASAIS GAYS.

“Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”

FALA DURANTE “LIVE”, NUMA REDE SOCIAL, EM JANEIRO DE 2020.

“Fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para proprietário ele serve mais.”

FALA DURANTE UMA PALESTRA NO RIO DE JANEIRO, EM ABRIL DE 2017.

“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem.”

FALA EM PROGRAMA DA TV CÂMARA, EM NOVEMBRO DE 2010.

MOTIVOS

Voto em Lula tem que ser crítico

 JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Se é verdade que no 2º turno, ao termos só dois candidatos devemos votar contra Bolsonaro e seu projeto autoritário e impõe-lhe uma derrota nas eleições, também é verdade que ultradireita não será efetivamente derrotada apenas com eleições. É impossível enfrentar a Bolsonaro e a ultradireita sem encarar as condições sociais, econômicas e políticas que os criaram. Sem questionar o sistema capitalista, qualquer proposta de luta contra a ultradireita cai no vazio ou no colo de outro setor da burguesia, como faz o Lula e o PT.

Para derrotar a ultradireita é preciso ajudar a crescer a mobilização e organização e também aprofundar a disputa de consciência dos trabalhadores para a defesa de um programa revolucionário e socialista. Nossa voto em Lula é crítico justamente por isso. Lula

não só não ajuda nisso, como atua em sentido contrário, reforçando a confiança do povo nos setores burgueses, nas instituições desta “ricocracia” e fazendo retroceder a luta e organização dos trabalhadores.

Começando com a sua chapa eleitoral que inclui nomes da direita tradicional como Alckmin, o apoio de Meirelles, Tebet etc. Mas também pelo amplo apoio que recebeu de setores da grandes burguesia, vários banqueiros e com apoio de parte expressiva do imperialismo, como Joe Biden. Seu programa de governo expressa justamente esta aliança burguesa e capitalista. Por isso não fala de revogar as reformas previdenciária e trabalhista, de reverter as privatizações ou de acabar com o teto de gastos para garantir recursos para as áreas sociais. Sua crítica a Bolsonaro é ele ‘um mal gestor do capitalismo brasileiro. Por isso reivindica o agronegócio e diz que ninguém fez tanto por eles quan-

to os próprios governos do PT. Por isso, um futuro governo seu necessariamente atacará os trabalhadores para garantir a acumulação de capital.

DESMONTE DAS LUTAS

Esse papel nefasto que cumpre Lula e o PT é demonstrado inclusive na tática que vem adotando desde antes das eleições. Ao desmontarem as lutas mas também a fazerem corpo mole no enfrentamento a Bolsonaro justamente porque depositam todas as fichas em uma saída meramente eleitoral, por dentro desta ricocracia. Esta política que no primeiro turno se traduziu em uma despolitizada campanha de vira-voto e um populismo burguês de “esquerda”. Como consequência, o resultado do primeiro turno mostrou o tamanho do perigo, com vitórias importantes para o bolsonarismo.

MAIS UM GIRO À DIREITA

E agora Lula consegue piorar ainda mais o enfre-



tamento com a ultradireita, ao fazer mais um giro a direita, buscando trazer setores ainda mais reacionários e ligados ao bolsonarismo para dentro da sua campanha e de um futuro governo. A “Carta aos evangélicos” não tem quase nada sobre a justa luta pela liberdade religiosa, mas tem muito de capitulação às pautas imposta pela direita mais conservadora do país: a negação ao direito ao aborto, a política de encarceramento em massa em relação as drogas e a promoção do obscurantismo nas ciências e na educação. Sob a desculpa de tentar ganhar votos entre os evangélicos trabalhadores, a Carta serve principalmente para dialogar com a famigerada bancada da bíblia e colocar setores do Centrão dentro da sua campanha e governo.

ESTRATÉGIA

Construir uma saída revolucionária e socialista para o Brasil

O voto crítico sob hipótese nenhuma pode significar um apoio ao projeto de Lula e PT, muito menos um apoio ao futuro governo. Isso seria o caminho da derrota dos trabalhadores e ajudaria a fortalecer a própria ultradireita que queremos combater. Diante das ameaças autoritárias de Bolsonaro é necessário votar criticamente em Lula, mas fazemos isso dialogando com os trabalhadores sobre a necessidade de rechaçar toda o projeto do PT, nos manter independentes de seu bloco burguês e nos preparamo para as batalhas con-

tra a ultradireita e também contra um possível governo Lula. Este é o único caminho coerente se quisermos enterrar de uma vez por todas a ultradireita: construindo a oposição de esquerda ao futuro governo, que combata o bolsonarismo e construa uma saída revolucionária e socialista para o Brasil.

No segundo turno, o voto crítico em Lula só se justifica pelo fato de Bolsonaro significar uma ameaças às liberdades democráticas. Este voto crítico deve servir não para fortalecer o campo burguês de Lula, mas sim construir



um campo de classe independente dos trabalhadores.

Não ajuda em nada a atuação de parte da esquerda que

faz uma adesão sem críticas nenhuma ao projeto do PT. O PSOL, por exemplo, passou de malas e bagagens para a política de alianças com a burguesia desde o primeiro turno. Não só sem fazer críticas ao programa de Lula, mas, pior ainda, semeando a ilusão de que Lula vai atender alguma reivindicação dos trabalhadores.

O PCB e a UP se posicionaram pelo voto crítico, mas não fazem nenhuma crítica. Aqui reafirmamos: não alertar os trabalhadores da política capitalista de conciliação de classes do PT, desarma os trabalhadores frente ao imperialismo, à burguesia e ao próprio bolsonarismo e a ultradireita.

“ O voto crítico não significa um apoio ao projeto de Lula e PT, nem um apoio ao futuro governo. Isso seria o caminho da derrota dos trabalhadores e ajudaria a fortalecer a própria ultradireita. ”

SOLIDARIEDADE

CSP-Conlutas realiza segundo comboio de ajuda à resistência ucraniana

 DA REDAÇÃO

Em 30 de setembro, o segundo comboio de ajuda aos trabalhadores, organizado pela Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas, foi entregue à resistência ucraniana, através do Sindicato Independente de Metalúrgicos e Mineiros de Kryvyi Rih, no sul da Ucrânia que, lamentavelmente, dias depois, sofreu um violento ataque.

O comboio contou com delegações formadas por representantes da CSP-Conlutas (Brasil), do Iniciativa Operária (IP, Polônia), da União Sindical "Solidaires" (França), da Associação dos Direitos dos Trabalhadores (ADL-Cobas, Itália), o Sindicato de Comissões de Base (Cobas, Estado Espanhol) e o Emaciapão (França). O destino foi a cidade industrial de Kryvyi Rih, local onde se organizam trabalhadoras e trabalhadores, sobretudo no setor da mineração.

Camaradas do Congresso dos Sindicatos (TUC, da



Entrega dos sprays de pimenta às operárias

Inglaterra) e sindicalistas de Mallorca (ilha no Mar Mediterrâneo, parte do Estado Espanhol) também contribuíram com a iniciativa. Da CSP-Conlutas, estiveram presentes André Bucaresky, petroleiro e diretor do Sindipetro/RJ, e Fabio Bosco, do Setorial Internacional da Central.

FORTALECER A RESISTÊNCIA CONTRA A AGRESSÃO RUSSA

A campanha de apoio seguirá, mesmo à distância, com ações realizadas entre as organizações envolvidas, de modo a não deixar esmore-

cer a força da classe operária que resiste na Ucrânia.

"Sabemos que, com o Comboio, contribuímos para uma solidariedade sindical internacional mais concreta e direta. Consideramos que pudemos dar o apoio necessário (mas nunca o suficiente!), retornamos mais fortes e mais decididos a levar a luta dos sindicalistas da Ucrânia adiante e permanecer ao lado deles. Voltaremos, necessariamente, desejando que seja em tempo de paz", reafirmou a Rede, em uma nota.

Dentre os recursos prioritários enviados, estavam equipamentos técnicos e de cuidados médicos, além de materiais para fortalecer a resistência popular ucraniana e a defesa contra a agressão russa.

Todo o material coletado e adquirido foi entregue ao Sindicato Independente dos Metalúrgicos e Mineiros de Kryvyi Rih, cidade que fica no meio da linha de frente, onde a caravana pôde sentir como as sirenes dos mísseis antiaéreos e os bombardeios fazem parte do cotidiano dos trabalhadores desta importante cidade industrial.

O comboio se reuniu com Yuri Petrovich, presidente do sindicato, e com trabalhadores das empresas que a entidade representa, de diferentes minas da cidade e da Arcelor-Mittal (empresa investigada pelo governo ucraniano por vender aço para a Rússia, por meio de uma subsidiária). Muitos dos trabalhadores tiveram que deixar seus empregos para ir para a linha de frente ou para se defenderem contra a invasão russa.

Esses trabalhadores estão tendo dificuldades para receber seus salários, têm que provar,

com documentos, que estão na linha de frente da batalha e têm muitas dificuldades burocráticas para obtê-los.

GOVERNO UCRANIANO PROMOVE ATAQUES AOS DIREITOS

Além de sofrer essa terrível agressão por parte de Putin, a classe trabalhadora ucraniana também está sendo atacada por seu próprio governo, que está aprovando reformas trabalhistas que cortam direitos já conquistados.

Eles estão sofrendo cortes salariais de 50% e podem ser demitidos automaticamente. No entanto, Petrovich explicou que o governo não está achando fácil aplicar essas medidas, porque os trabalhadores se opõem fortemente, nos locais de trabalho.

Precisamos dar continuidade ao apoio e à solidariedade ao povo ucraniano. A situação está longe de voltar ao normal, apesar dos avanços que estão sendo feitos, com a recuperação de parte do território criminosamente anexado pela Rússia.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3CSYPMU](https://bit.ly/3CSYPMU)**

ENTREVISTA

‘São os operários e os filhos dos operários que estão na linha de frente’

Conversamos com André Bucaresky (o Buka), petroleiro, diretor do Sindipetro/RJ e um dos representantes da CSP-Conlutas que participou do 2º Comboio de Solidariedade aos trabalhadores da Ucrânia, organizado pela Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas.

Fale um pouco sobre as atividades que vocês desenvolveram nesse comboio.

Buka – Esse comboio foi o segundo do qual a CSP-Conlutas participou. Levamos mantimentos necessários para a resistência ucraniana, como rádios transmissores, roupas para frio, baterias etc. As mulheres haviam pedido spray de pimenta e armas de eletrocho-

que. E você já pode imaginar o porquê. Fomos, em 10 companheiros, até Kryvyi Rih, que é uma cidade mineira, construída em torno de uma ferrovia, e que tem uma vanguarda operária muito combativa. Fomos levar essa ajuda a esses companheiros e companheiras. Muitos estão na frente de batalha.

São basicamente os operários e os filhos dos operários

que estão indo lutar, mas com muita dificuldade, porque precisam pagar por seu próprio armamento, uniforme etc. E são sabotados pelo seu próprio governo. O governo baixou uma lei que permitiu às empresas desvincular os trabalhadores, que passaram a receber apenas os baixos soldos do Exército. Ou seja, passaram a receber um salário bem menor.

Você falou sobre a situação das mulheres. Explique melhor qual é a situação delas no país.

Buka – As mulheres nos disseram que estão trabalhando nas minas, tanto quanto os homens, em cargos mais insalubres e perigosos. Elas recebem menos pelo mesmo trabalho. Por exemplo, nas minas de

uma determinada empresa há 6.500 pessoas, dessas 2.500 são mulheres, e pelo menos mil delas estão no trabalho pesado, com um salário de apenas US\$ 250 dólares (R\$ 1.300). Chama a atenção, também, a participação de mulheres na vanguarda operária das lutas. E muitas delas estão na frente de combate.

Kryvyi Rih fica próxima da linha de frente dos combates? Como tem sido a rotina da população, particularmente dos mineiros?

Buka – Kryvyi Rih é próxima de Kherson, onde estão se desenvolvendo conflitos importantes. Por isso, Kryvyi Rih é uma base importante de apoio para a contra-ofensiva ucraniana, no Sul do país. Na cidade, há toque de recolher a partir das 22h. Tem havido bombardeios, também. Os mineiros são os que mais fornecem gente para a linha de frente, inclusive de voluntários. Mas, os operários também têm sido alistados nas fábricas. Inclusive, muitos empresários têm usado isso

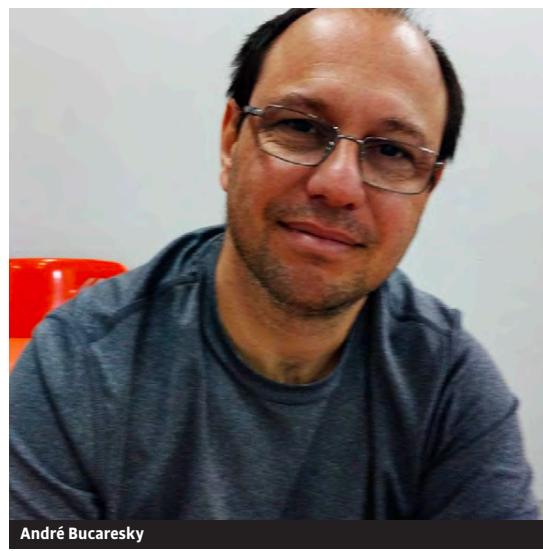
como ameaça, para convocar trabalhadores para a linha de frente de combate.

A grande imprensa faz parecer que os combatentes ucranianos estão vencendo o Exército Russo devido ao armamento oferecido pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). É isso mesmo?

Buka – Isso não corresponde à verdade. Quando a Rússia invadiu a Ucrânia, as potências ocidentais não fizeram nada. Inclusive, o imperialismo e as potências ocidentais ofereceram asilo político para Zelensky, o presidente ucraniano. O que estava fora dos cálculos de todo mundo, inclusive da Rússia, foi a reação po-

pular dos ucranianos, que não se amedrontaram e exigiram armas do governo.

Na contra-ofensiva ucraniana, a OTAN forneceu, sim, armas para o país. Mas não aquelas exigidas por eles, como tanques, fuzis, roupas desistentes para os soldados e outras armas de infantaria. Assim, diante do imenso poderio militar russo, os ucranianos tiveram que utilizar a tática da "linha zero", estabelecendo um combate corpo a corpo para poder se livrar do assédio brutal da artilharia russa. A história do suporte oferecido pela OTAN serve apenas para mascarar uma corrida armamentista que ocorre, hoje, na Europa.



André Bucaresky

ÚLTIMA HORA

Putin descarrega vingança terrorista sobre o povo trabalhador da Ucrânia

 **PAVEL POLSKA, DA UCRÂNIA**

No dia 7 de outubro, foi o aniversário de 70 anos do ditador que vive no Kremlin. Neste dia, imagens da ponte da Criméia, queimando e parcialmente destruída, rodaram o mundo. É o resultado de um "símbolo da anexação expansionista inapelável", que o regime policial e oligárquico russo buscou, ao invadir parte do território da Ucrânia.

Os dias seguintes foram de silenciosa preparação de uma vingança, a mais destrutiva e nefasta organizada pelo Kremlin. Não pretendemos, neste artigo, prever quais serão os resultados da vingança assassina do ditador no rumo do conflito. Ainda que o próprio Putin saiba que não terá uma influência decisiva no curso da guerra.

Vamos apenas explicar os efeitos do ataque maciço, com 83 mísseis de longo alcance, em todo o território da Ucrânia, incluindo sua capital, Kiev. O que vale a pena mencionar é algo que ficou evidenciado: o moral elevado do povo ucraniano

que, dos abrigos antibombas e das profundezas do metrô, lotado por milhares de crianças, cantou o hino nacional.

BOMBARDEIOS MACIÇOS

É prematuro falar de um balanço de mortes, feridos e da destruição de casas, escolas e infraestruturas civis. O que imediatamente nos chamou a atenção é a falsificação perversa de Putin ao falar de "ataques precisos em alvos militares estratégicos", tentando justificar sua barbárie. Mas, como sempre, é a população trabalhadora que mais sofreu com esses bombardeios maciços, que deixaram as grandes cidades sem eletricidade ou água.

E, nesse sentido, queremos destacar informações recebidas – por meio de um dos sites da internet – da cidade de Kryvyi Rih, que tem 700 mil habitantes, e um dos maiores centros mineiros e metalúrgicos do sul da Ucrânia. Também em Kryvyi Rih, "devido aos ataques de mísseis às usinas, a cidade ficou sem energia e 854 operárias e operários ficaram presos, em quatro minas, a uma profundidade de mais de mil metros."



Entrega de suporte aos combatentes ucranianos



Parte da delegação do comboio durante o seminário sobre reformas trabalhistas promovidas em Varsóvia.

Em um quadro de grande tensão e ansiedade, começou a operação de resgate, que utilizou geradores e força física para trazê-los à superfície. Felizmente, às duas da manhã, após longas horas de trabalho, todos e todas foram resgatados.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3CSYPMU](https://bit.ly/3CSYPMU)**

'MULHERES, VIDA, LIBERDADE!'

Protestos no Irã são parte de um movimento mais amplo por justiça de gênero, social e econômica



ALBORZ KOOSHA, WORKERS' VOICE
LA VOZ DE LOS TRABAJADORES (ESTADOS UNIDOS)

Em março de 1979, dezenas de milhares de pessoas, em sua maioria mulheres, marcharam em Teerã contra a então nova lei que tornava obrigatório o uso do "hijab" (o código islâmico de vestimenta e cobertura da cabeça), instituída pela nascente República Islâmica, assim como outras leis que atacavam os direitos das mulheres, particularmente a legislação familiar.

Elas cantavam "não fizemos a revolução para retroceder". A mensagem era clara. As mulheres foram parte da Revolução Iraniana de 1979, por justiça social e econômica contra a ditadura do Xá, apoiada pelos EUA. Mas, sua substituição por uma nova ditadura, a da República Islâmica, significou a traição de seus sonhos de liberdade. Hoje, milhares de pessoas estão novamente nas ruas do Irã. Seguem os passos das mulheres de março de 1979 e têm uma mensagem para o mundo: "mulheres, luta, pela liberdade".

O brutal assassinato de Mahsa Amini pela Patrulha de Orientação, uma polícia "moral" estatal, em 13 de setembro, por suposto "uso impróprio" do "hijab", incendiou a fúria. Zihna, uma mulher curda, cuja comunidade sofre discriminação étnica no Irã, morreu sob custódia policial e em cir-

cunstâncias suspeitas. O Estado se recusou a dar explicações transparentes sobre sua morte. Quando fechávamos esta edição, havia relatos, imprecisos, de cerca de 130 mortos. E o número segue crescendo.

Manifestantes em dezenas de cidades exigem o fim da ditadura, o desmantelamento da Patrulha de Orientação, que o uso do "hijab" seja opcional e de acordo com a escolha de cada indivíduo, dentre muitas outras pautas. O policiamento dos corpos das mulheres precisa parar.

UMA CONJUNTURA DE LUTAS

Mas estes protestos vão para muito além da questão da vestimenta e são parte de uma luta muito maior por justiça de gênero, social e econômica. Para entender como, observemos as recentes greves dos trabalhadores da Educação, em todo o Irã, desde dezembro de 2021.

Pelo menos 60% desses profissionais são mulheres e, além de lutar contra seus patrões quando são assediadas por uso "impróprio" do "hijab", muitas dirigentes do movimento de educadores levantam outras pautas interrelacionadas.

Exigem a construção de mais escolas em regiões rurais, apontando que é menos provável que meninas sejam enviadas para escolas mais

distantes do que meninos. Também exigem pagamento igual para homens e mulheres, e um salário digno, para todos e todas, já que o salário da categoria, geralmente, sequer ultrapassa a linha de pobreza oficial do Irã.

EDUCAÇÃO LIVRE E IGUALITÁRIA

Muitas também cobram a transformação do conteúdo das aulas e livros didáticos para estimular a igualdade de gênero. Aquelas que já o fazem por iniciativa própria são forçadas a submeter seus planos de aula para a administração das escolas. Mulheres educadoras exigem educação sexual que aborde temas como saúde sexual, contracepção e combate ao assédio e ao abuso sexuais.

Também demandam aumento na licença maternidade e a construção de creches nos locais de trabalho. Muitas, também, têm se solidarizado com outras categorias de trabalhadores iranianos em greve por dignidade. Como a maioria do sistema de educação pública do Irã foi monetizado (ou seja, colocado a serviço do lucro) e privatizado, com as direções das escolas cobrando taxas dos alunos (contrariando a própria constituição iraniana), o movimento exige uma educação gratuita, como um direito de todos estudantes.

A exigência de educação livre para todos encontra eco ao redor do mundo, em



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EOJSH8](https://bit.ly/3eoJsh8)



outros países em que a Educação também se transformou numa mercadoria capitalista. Como também a exigência do fim das crescentes contratações precárias e temporárias de professores, uma prática que atinge a maioria da classe trabalhadora no Irã e, igualmente, no mundo todo. Por fim, cobram a libertação de todos os prisioneiros políticos. Tudo isso junto é, em resumo, o significado de "mulher, vida e liberdade".



CONTRA A DITADURA

Todo apoio ao povo iraniano

Hoje, é obrigação de toda pessoa consciente no mundo lutar para fazer ecoar as vozes do povo iraniano por "mulher, vida e liberdade". É nossa obrigação amplificar as exigências dos atuais protestos que clamam pelo fim do policiamento dos corpos das mulheres do Irã.

Temos que apoiar as pautas da classe trabalhadora e dos oprimidos do Irã e sua exigência do fim da ditadura da República Islâmica. Temos que apoiá-los para que resistam à cooptação e à exploração de sua luta por liberdade por parte do imperialismo dos EUA e de outros oportunistas, e, ainda, amplificar suas lutas locais, por autodeterminação e democracia.

Enquanto os poderes dominantes no Irã e no mundo os oprimirem de todas as formas, os iranianos e iranianas continuarão a resistir. São fortes. E um dia conseguirão a liberdade.

Tradução: Miki Sayoko

ENTREVISTA

“Só o PSTU fez uma campanha de enfrentamento aos grandes capitalistas no Rio Grande do Sul”

O Opinião entrevistou Rejane de Oliveira, candidata do PSTU ao governo do Rio Grande do Sul, que nos fala sobre sua campanha eleitoral e responde aos ataques feitos por setores do PT à sua candidatura.

 DA REDAÇÃO

Qual a avaliação do primeiro turno no Rio Grande do Sul?

Rejane de Oliveira - No Rio Grande do Sul, houve um deslocamento de votos para o bolsonarismo, não detectado pelas pesquisas. Assim como no Paraná e em Santa Catarina, Bolsonaro teve, aqui, a maioria dos votos e chegou a quase 49%. Essa recuperação da ultradireita e de um governo que se revelou genocida tem relação com a estratégia exclusivamente eleitoral do PT, do PSOL e da esquerda reformista.

O PSTU sempre defendeu que a campanha pelo “Fora Bolsonaro” tinha que ser a prioridade, com fortes mobilizações, nas ruas, até a derrota desse governo. E isso era possível. Porém, o PT e as direções das maiores centrais sindicais esfriaram o movimento, se colocando como dique de contenção das lutas, visando apenas às eleições. A priorização da estratégia eleitoral é sempre o erro mais perigoso para os trabalhadores e trabalhadoras: substituir e enfraquecer a força da classe trabalhadora pela crença nas instituições da democracia burguesa.

Aqui no Rio Grande do Sul, somente o PSTU fez uma campanha de enfrentamento aos grandes capitalistas, defendendo a expropriação das grandes empresas e que mais exploram os trabalhadores. O PSOL aderiu vergonhosamen-

te ao programa de colaboração de classes do PT gaúcho, que abandonou a pauta da classe trabalhadora e a defesa da reforma agrária, para não se enfrentar com o agronegócio e o latifúndio. Prova disso é o PT e PSOL ao lado de Alckmin e Meirelles, expressões da rendição à política de conciliação com a burguesia.

Você foi criticada por alguns militantes do PT, que culparam você pelo fato do candidato deles ao governo, o deputado estadual Edegar Pretto, ter ficado a 2.500 votos de ir para o segundo turno das eleições estaduais. Como você responde a esta crítica?

Rejane de Oliveira - Creio que isso é uma falta de compreensão política descabida. Para que serve o primeiro turno das eleições? Para os partidos apresentarem suas propostas, seu programa, suas candidaturas etc. É um direito e um dever de um partido fazer isso: apresentar seu programa e suas propostas.

E nós não abriremos mão do nosso papel em nome de outro partido, com o qual não temos acordo, nem com o programa nem com as alianças que fazem com a direita.

Não adianta choramingar e jogar a culpa pra cima de nós pelo fato de não terem conseguido votos suficientes e não terem convencido as pessoas das contradições, ao abraçarem o inimigo. Não dá pra fugir dessa realidade. O problema nunca foi o PSTU. O problema está no PT, que não conseguiu votos suficiente-



tes para ir ao segundo turno por conta de suas próprias escolhas políticas.

E no 2º turno no RS? Qual é a posição do PSTU?

Rejane de Oliveira - A eleição no segundo turno está entre dois candidatos representantes do capitalismo, de profunda confiança da burguesia. Ónix Lorenzoni (PL) e Eduardo Leite (PSDB) estiveram à frente de duríssimos ataques aos trabalhadores nos últimos anos. Leite se elegeu abraçado a Bolsonaro, depois procurou ser a “terceira via” burguesa, pelo PSDB nacional, e não conseguiu. Onyx teve participação direta no governo genocida de Bolsonaro e, aqui no estado, apoiou todas as reformas e ataques promovidos por Leite.

O PSTU está fazendo um chamado aos trabalhadores e trabalhadoras a não legitimarem nenhum deles. E organizarem, desde já, a luta

mente a serviço do grande capital nacional e estadual. Outros setores estão em silêncio ou se pronunciam apenas nas entrelinhas.

Somente o PSTU enfrentará de forma revolucionária esse debate. Existe uma experiência tão profunda da vanguarda lutadora com Eduardo Leite, e, obviamente, com Onyx, que a organização de uma campanha pelo voto nulo no Rio Grande do Sul tem uma grande importância. Juntamente com a luta pelo Fora Bolsonaro.

Como foi a experiência da sua primeira campanha eleitoral e como foi a recepção à sua candidatura dentre os trabalhadores?

Rejane de Oliveira - Foi emocionante a nossa campanha. Fui a única mulher negra, trabalhadora e socialista, candidata ao governo do estado. Enfrentamos o boicote da grande imprensa, mas conseguimos fazer uma campanha verdadeiramente revolucionária junto à classe trabalhadora e aos setores mais oprimidos da população.

Meu ingresso no PSTU foi precedido de uma longa atuação comum na luta de classes, no estado e no país. Para fazer a tão necessária revolução é preciso um partido revolucionário.

E o PSTU mostrou que só um governo socialista, dos trabalhadores e trabalhadoras, junto com uma grande mobilização, pode fazer as mudanças. Saímos politicamente fortalecidos para os próximos embates.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MQYM7Q](https://bit.ly/3MQYM7Q)**

VENHA PARA O PSTU!

A necessidade do partido socialista revolucionário é urgente

Vera Lúcia, ex-candidata à presidência da República pelo PSTU

A campanha eleitoral desse ano foi desafiadora em pelo menos três sentidos. E todos eles, na nossa opinião, permitem que façamos uma reflexão sobre o porquê é cada vez mais urgente a necessidade de que a classe trabalhadora e a juventude, a começar pelos seus setores mais explorados e oprimidos, construam um instrumento que, de fato, possa ser usado para por fim a um sistema que nos têm condenado à fome, à miséria, à exploração e à opressão: um partido socialista e revolucionário, que possa lutar para que construirmos um governo da classe operária.

DOIS “PÓLOS” COM O MESMO OBJETIVO: ASSEGURAR OS INTERESSES DO CAPITAL

Primeiro, enfrentamos uma forte polarização entre



duas candidaturas. De um lado, a ultradireita conservadora, encabeçada por Bolsonaro, questionando o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF), enquanto idolatra as Forças Armadas e o agronegócio, estimula todos os tipos de preconceitos machistas, racistas, LGBTIfóbicos, xenofóbicos existentes

na sociedade, além de fazer constantes investidas e ameaças autoritárias. Tudo “em nome de Deus, da família e da pátria”.

Mas também tivemos que enfrentar um projeto de conciliação de classes, com Lula, PT, PSOL, PCdoB, numa frente amplíssima, com Geraldo Alckmin (PSB) como vice, que

contou com o apoio de bancos, como o Itaú; de grandes empresários, como Benjamin Steinbruch e Luiza Trajano.

Uma campanha toda ela assentada “no amor contra o ódio” e nas lembranças dos governos passados do PT, tendo como a principal promessa de retorno para os trabalhadores a condição de comerem churrasco nos finais de semana e de terem um aumento do salário mínimo acima da inflação.

Contudo, as duas candidaturas, que monopolizaram mais de 90% dos votos no primeiro turno das eleições, cada uma a sua maneira, buscaram a mesmíssima coisa: se mostrarem confiáveis para assegurar os interesses e lucros dos grandes capitalistas, nacionais e internacionais.

A FARSA DA DEMOCRACIA DOS RICOS

O segundo desafio foi tentar romper o isolamento e a invisibilidade impostos pela legislação eleitoral, bem como pelos maiores veículos de comunicação. Isso dificultou qualquer diálogo mais profundo sobre a realidade do país, como parte da realidade mundial, no atual momento do capitalismo, e a apresentação de um projeto que solucione os problemas mais sentidos pela classe trabalhadora e os oprimidos.

Mesmo com todos esses limites, fizemos uma campanha ativa nas redes sociais e com diversas atividades presenciais país afora, realizadas com empenho pela militância do PSTU e pelos ativistas do Polo Socialista Revolucionário.

ESTRATÉGIA

A luta por um programa que questione o capitalismo

O terceiro desafio foi apresentar e explicar, da melhor maneira possível, um programa que, arrancando da realidade vivida pelos milhões de trabalhadores, pelos mais oprimidos, pudesse apresentar soluções completas e duráveis para nossos problemas mais urgentes: fome, desemprego, moradia,

segurança, saúde, educação, de marcação e titulação das terras indígenas e quilombolas.

E fazer isto explicando que, para solucionar nossos problemas, há uma condição prévia, que é a organização coletiva em todos lugares e momentos de nossas vidas: nos locais de trabalho, nos bairros e nas escolas.

Discutindo, ainda, que isto tem que ser feito sem ilusões no capitalismo e na sua democracia dos ricos. E, na mesma medida, exigindo e explicando a importância da conquista e manutenção das liberdades democráticas.

E mesmo não sendo uma tarefa fácil, colocar a minha candidatura e da Raquel, como todas

as demais nos estados, a serviço destes objetivos foi muito gratificante. Na medida em que explicávamos sobre a possibilidade de satisfação de necessidades que são nossas, tão básicas e possíveis de serem plenamente atendidas, ficava mais evidente para mim a impossibilidade de que os capitalistas possam ou queiram

fazer qualquer concessão para solucionar sequer uma única necessidade da classe trabalhadora de forma completa e permanente.

E isto por uma única razão: esses grandes empresários não querem e não podem, em função da própria lógica da ordem capitalista, abrir mão de seus lucros e privilégios.

FERRAMENTA

Um partido pra fazer a revolução

Para nós, a campanha também reforçou que este programa está diretamente relacionado com uma visão de sociedade socialista. Somente um partido que tenha a busca pela construção dessa sociedade como centro de sua atividade pode apresentar propostas concretas de confronto com a grande propriedade e com os meios de produção, lutando para colocar estes meios nas mãos dos que trabalham

Um programa que possibilite que a classe trabalhadora e todos os oprimidos possam lutar para desfrutar das mesmas condições de sobrevivência. Algo que deve começar, inclusive, pela construção da solidariedade entre todos nós, daí, inclusive, nossa insistência, como um princípio, em combater os preconceitos e as ideologias reacionárias e opressivas que nos dividem e enfraquecem nossas lutas.

Mas, é preciso avançar. É preciso construir a unidade para

o exercício do controle coletivo, tendo por base a confiança e a lealdade. Pois, os trabalhadores, enquanto classe social, precisam imprimir a derrota política sobre a classe inimiga – a grande burguesia –, com toda a sua ideologia liberal e neoliberal, assim como os reformistas, em todas as suas variantes.

Diante de tantas tragédias, precisamos construir um partido que nutra a esperança, sem ilusões, que alimente os sonhos com os pés ficados na

realidade. Um partido que entenda as razões, a beleza e a poesia daqueles que se emocionam com o sorriso alegre de uma criança e que choraram e se indignaram com o desespero de uma mãe ou que sentem, como sua, a humilhação de um desempregado ou da falta de um lar.... E este só pode ser um partido socialista e revolucionário.

Com ele, não estaremos sozinhos. É desse tipo de partido que a classe trabalhadora pre-

cisa, como instrumento de libertação. E urgente.

No mais, tenho somente a agradecer a todos e todas que nos ouviram e integraram essa campanha. E, por fim, gostaria de lhes fazer um convite: venha construir o PSTU, venha nos ajudar a construir o partido da revolução socialista brasileira, como parte da revolução socialista mundial.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EBCJIM](https://bit.ly/3EBCJIM)